

Um relato sobre a oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades” realizada no evento Cidades em Transe

Vanessa Avila Costa¹; Newan Souza²; Louise Prado Alfonso³

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – newansouza@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entre os dias 27 de maio e 2 de junho de 2019 ocorreu em Pelotas a terceira edição do evento Cidades em Transe, na esfera de três Projetos de Extensão que compõe o Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, através do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Este evento, que acontece anualmente, busca propor rodas de conversa e atividades de interação com as comunidades aos quais envolvemos nossas pesquisas. É desenvolvido fora das dependências da Universidade, em espaços de valor simbólico, histórico e identitário para cada comunidade e, também, em locais onde o diálogo pode ser fortalecido.

Neste ano, tendo como temática “Cotidianos em Conexão”, foram propostas quatro oficinas, no âmbito dos Projetos de Extensão “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas”, “Mapeando a Noite: O Universo Travesti” e “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação”. Estas foram assim intituladas: “Roda de chimarrão no Passo dos Negros”, “Conversas sobre Comidas e Orixás: um piquenique no Mercado Central”, “Bruxas e Pombas-Giras: A Construção da Mulher como Mal no Ocidente” e “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”. As duas últimas oficinas se inseriram no Projeto de Extensão Mapeando a Noite. A primeira foi ministrada pela colega do Bacharelado em Arqueologia da FURG, Maria Helena Lopes, e a segunda foi ministrada por mim e pelo também colega do Bacharelado em Arqueologia da FURG, estagiário em minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia com área de concentração em Arqueologia intitulada “As Manifestações das Paisagens Ocultadas: Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais”, pelo Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo e integrante do Projeto de Extensão Mapeando a Noite, Newan Souza.

A criação desta oficina foi pensada a partir da leitura do livro de José Silvério Trevisan intitulado “Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade”, publicado em 2018, que estava sendo realizada por Newan. Após ler este livro, que lhe despertou muitas ideias, e do autor lhe ter autorizado a utilização do título, ele me convidou para ministrar a oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”. Nesta, seria possível juntar nossas temáticas de pesquisa na disciplina arqueológica (LGBTQ+ e trabalho sexual) e propor diálogos sobre as mesmas além dos muros da Universidade. Como o evento “Cidades em Transe” estava se aproximando, decidimos, juntamente com a professora Louise Alfonso, realizar esta oficina como uma das atividades do Projeto de Extensão Mapeando a Noite pertencentes ao evento. Esta ocorreu no

dia 31 de maio, na Travessa Conde de Piratini, situada ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense e contou com o apoio da cartunista Laerte Coutinho que cedeu sua arte que estava na capa do livro “Devassos no Paraíso” para que a utilizássemos na divulgação da oficina.

2. METODOLOGIA

Para a realização da oficina utilizamos uma metodologia de criação de cartografias em desenho que foi pensada na disciplina “Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas”, ministrada pela professora do Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia, Louise Alfonso, para propor que as/os participantes da oficina mapeassem, através de desenhos, locais representativos para a comunidade LGBTQ+ e, também, os locais de trabalho das trabalhadoras sexuais.

Esta metodologia surge a partir de uma crítica de Ingold (2005) aos mapas modernos e procura desconstruir a noção ocidental de tempo linear, trazer de volta a arte aos mapas, evocar as paisagens, bem como o cotidiano da cidade (des)feito pelos grupos sociais em processos de exclusão, ao ser pensada a partir dos pressupostos da arqueologia da paisagem (THIESEN, 1999; SOUSA, 2005; TRAMASOLI, 2015). Através dessa metodologia foi criada, na disciplina citada, uma cartografia em desenho no âmbito do fazer arqueológico sobre as resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais em Pelotas no passado-presente-futuro e, utilizando-a como exemplo, explicamos para as pessoas que participaram da oficina como realizariam a atividade proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda que tenhamos preparado um projeto para a realização da oficina, esta tomou outras proporções durante a execução, o que a transformou em uma experiência de estímulo à criatividade além da que havíamos imaginado que seria e, ao mesmo tempo, engajada socialmente. No dia da atividade (31 de maio) estava muito frio e nublado, com possibilidade de chuva a qualquer momento. Como estávamos em um local aberto, felizmente não choveu e a oficina pode ser realizada.

Pessoas LGBTQ+, que estavam participando da oficina, tomaram o beco enquanto um espaço de manifestação da sua resistência, ao hastearem uma bandeira LGBTQ+, que Newan havia levado, em um poste de ferro com luminária. Pois se este local, por conta de sua própria estrutura arquitetônica (que se configura como um beco), as invisibilizava, assim como a discussão do tema proposto, era preciso dar visibilidade à estas lutas.

Primeiramente, eu e Newan apresentamos a cartografia em desenho sobre o trabalho sexual realizada na disciplina “Cidades e suas Margens” para as onze pessoas que estavam participando da oficina. Explicamos de que maneira ela contempla nossas problemáticas de pesquisa na arqueologia e a forma ao qual foi criada e como, através dela, foi possível desconstruir a noção de tempo linear e expor os conflitos da cidade de Pelotas (no passado-presente-futuro), ao evocar as vivências das paisagens. Também mostramos os livros “Devassos no Paraíso” de José Silvério Trevisan (2018) e “Putafeminista” de Monique Prada (2018), responsáveis por embasar a oficina, para que as pessoas pudessem conhecê-los.

Após estas elucidações, distribuimos folhas de ofício, lápis (coloridos e em grafite) e canetinhas hidrocor, e propomos às pessoas que desenhassem suas próprias cartografias sobre a temática LGBTQ+ e o trabalho sexual. No decorrer

da oficina, elas se divertiram com seus desenhos, afirmando que não sabiam desenhar. Salientamos que o intuito não era desenhar com perfeição, mas, sim, construir um mapa que apresentasse as resistências destas pessoas na cidade.

Ao finalizarem a etapa de desenhos, cada participante da oficina apresentou sua cartografia, a fim de instigar o diálogo com outros/as participantes. A maioria destas pessoas trouxe para o mapa as suas próprias resistências em Pelotas enquanto LGBTQs, além de terem desenhado o próprio local onde nós estávamos naquele momento, simbolizado pela bandeira LGBTQ+ hasteada.

Outra cartografia foi criada, mas está não foi colorida, porque para a integrante da oficina que a criou “Pelotas é uma cidade em preto e branco”. Ela também participa do projeto Mapeando a Noite e desenhou o dia e a noite pelotense. Como explicou, a partir das narrativas de uma interlocutora do projeto, de dia as travestis que executam o trabalho sexual nas noites da área central de Pelotas preferem não vestir roupas ditas femininas para que não sejam violentadas. Porém, a noite é o seu palco, onde elas podem sair às ruas da forma como preferirem, longe dos olhares preconceituosos das pessoas. Segundo a participante, é dessa forma que as margens se constroem a partir do centro: “o centro, à noite, se transforma em margem”. Então, de um lado da cartografia, ela desenhou um sol e uma farmácia como uma placa onde está escrito “aberto” e uma família passeando na rua. Do outro lado, ela desenhou uma lua e uma farmácia com a mesma placa escrito “fechado”, para representar a noite de Pelotas, e uma trabalhadora sexual travesti esperando seus clientes na mesma rua onde a família estava passeando durante o dia.

Já na cartografia intitulada “Um Centro Histórico LGBTQ+, desde sempre...”, a participante da oficina desenhou as ruas do centro de Pelotas que ela chamou de “o palco das prostitutas”, a partir das narrativas de interlocutoras do projeto Mapeando a Noite, onde se situam o Mercado Central, o casarão onde atualmente encontra-se a Secretaria de Cultura de Pelotas, uma casa de festas LGBTQ+ e o local onde nós estávamos naquele momento, simbolizado pela bandeira LGBTQ+, ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense, entre outros. Todos os espaços, além da Travessa Conde de Piratini, foram desenhados com esta bandeira, para representar o Centro Histórico LGBTQ+.

Também desenhou as travestis na Fonte das Nereidas, localizada na Praça Coronel Pedro Osório. Esta praça possui uma estátua do homem que deu nome a ela, que era dono de charqueadas e escravizava pessoas negras. Cabe salientar que a estátua foi pichada com a palavra “DESTEMERIZE-SE”, em alusão ao ex-presidente Michel Temer, que assumiu a presidência após o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Entendo que esta pichação seja uma forma de manifestar o quanto a escravidão em Pelotas passa por um processo de apagamento, assim como o racismo, que tenta ser ocultado a partir das políticas públicas de patrimônio da cidade, ao enaltecer a figura de charqueadores e esquecer-se de contar as histórias das pessoas negras que, desde sempre, (re)existem e a transformam. A participante, no momento em que estava desenhando, observou por alguns segundos a estátua do Coronel Pedro Osório, que estava ao nosso lado, e falou: “vou desenhar um Pedro Osório LGBTQ+” e, assim, o fez. Em cada espaço foram desenhadas as travestis para mostrar sua presença no centro histórico de Pelotas.

Além disso, desenhou a área de prostituição, compreendendo uma casa de massagem (para representar os prostíbulos), as travestis na esquina e a placa que foi colocada na esquina entre as ruas Barão de Santa Tecla e Doutor Cassiano, localizadas no centro da cidade, em homenagem à Juliana Martinelli, ativista travesti que faleceu em 2017 (que era uma demanda de pessoas LGBTQ+).

e que foi conquistada depois de muita luta). Juliana também era interlocutora do projeto Mapeando a Noite e o desenho de sua placa foi uma forma de lhe prestar uma homenagem. Esta placa já foi retirada inúmeras vezes por pessoas transfóbicas e é sempre recolocada, através da arrecadação de dinheiro para a produção de uma nova placa, por pessoas que consideram a importância e representatividade de ter uma esquina com o nome de uma travesti, como explicou a participante da oficina que desenhou a cartografia.

Em outra cartografia o participante da oficina articulou o passado, o presente e o futuro, seguindo o exemplo da cartografia que nós apresentamos, para mostrar a presença constante de trabalhadoras sexuais em vários locais de Pelotas. Dessa forma, ele trouxe para sua cartografia os modos de habitar a cidade pelas travestis. Também desenhou a esquina que recebeu o nome da ativista travesti Juliana Martinelli e a placa com seu apelido “Juju”.

4. CONCLUSÕES

A cartografia em desenho serviu de inspiração para a construção de outras cartografias e foi entendida pelas pessoas LGBTQ+ enquanto uma forma de reivindicar seu patrimônio e suas próprias histórias que estão nele entrelaçadas. As novas cartografias foram responsáveis por provocar inquietações e conflitos internos, como no caso de um dos participantes que relatou, após o término da oficina, que se sentiu incomodado por não ter tratado das diversas narrativas de violência aos quais pessoas LGBTQ+ que ele conhece já sofreram em Pelotas, durante a realização de seus desenhos.

Em outras palavras, a cartografia em desenho atuou enquanto mediadora na criação de outras cartografias e foi entendida, pelas pessoas LGBTQ+, enquanto ferramenta de luta contra a LGBTfobia em Pelotas. A partir dela, foi possível evocar os diversos “Cotidianos em Conexão” (tema da terceira edição do evento Cidades em Transe).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 25(1): 76-110, 2005.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. Coleção Baderna. Editora Veneta, São Paulo, SP, 1ª ed. 2018.

SOUSA, Ana Cristina. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. **Habitus**, Goiânia, V. 3, N. 2, 2005, p. 291-300.

TRAMASOLI, Felipe. **Arqueologia da Cidade Cinza**: paisagem e discurso na cidade do Rio Grande. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

THIESEN, Beatriz. **As paisagens da cidade**: Arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Rio Grande do Sul, 1999.

TREVISAN, João. **Devassos no Paraíso** – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Objetiva, ed. 4, Rio de Janeiro, 2018.